REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	—$—	—$—

11.º ANNO — VOLUME XI — N.º 356

11 DE NOVEMBRO 1888

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUEZA COM UMA SECÇÃO AGRICOLA

SUA ALTEZA O PRINCIPE D. CARLOS.—PRESIDENTE DA COMMISSÃO AGRICOLA

(Segundo uma photographia de Fillon)

CHRONICA OCCIDENTAL

Uma sessão de hypnotismo dada no theatro de D. Maria, pelo medico hespanhol o sr. conde de Das, em beneficio da Associação da Cruz Vermelha, veiu de novo chamar as attenções do publico para os phenomenos hypnoticos e suggestivos, phenomenos que assombram uns, assustam outros, e finalmente encontram outros ainda incredulos.

Este *ainda* synthetisa a historia dos rapidos progressos do hypnotismo.

Ha vinte e tantos annos o *ainda* applicava-se em sentido perfeitamente contrario; e os homens mais illustrados, os sabios d'então, admiravam-se que, dado o nosso grau de civilisação, houvesse *ainda* crentes no magnetismo e no hypnotismo e na suggestão.

Hoje, vinte annos passados, esses mesmos homens illustrados, os mesmos sabios, admiram-se que haja *ainda* descrentes d'esses mesmos phenomenos, que hoje constituem uma verdadeira e curiosissima sciencia.

Basta isto, crêmos, para demonstrar os progressos rapidos e enormes que tem feito o hypnotismo.

Somos ainda do tempo, e para isso não é preciso ser velho, em que a suggestão e a hypnotisação eram tidas por charlatanices de saltimbancos, por habilidade de prestidigitador, que ninguem tomava a serio, e que o bom senso repellia desdenhosamente, zombando até dos raros ingenuos que acreditavam n'ellas.

Acreditar no hypnotismo era o mesmo que acreditar em bruxas.

Lembro-me ainda do effeito desagradavel que produziu no publico de Lisboa, um drama de Julio Barbier, *Maxwel*, que se representou no theatro de D. Maria, traduzido pelo sr. Rangel de Lima, com o titulo de *O juiz*, e em que se descobria um criminoso pela suggestão hypnotica.

O criminoso era representado pelo actor Heliodoro, já fallecido ha muito, e o juiz pelo actor Theodorico, que tambem ha annos lhe faz companhia no tumulo.

Na peça os dois eram irmãos; o juiz tinha que julgar o supposto auctor d'um homicidio e d'um roubo importante. Todas as provas eram contra o innocente, como o são sempre nos romances e nos dramas, e como infelizmente o são tambem muitas vezes na vida real.

Na vespera do julgamento, porém, o proprio Mesmer ou um seu discipulo, não nos lembramos bem, suspeitoso de que o accusado estava innocente, e de que o verdadeiro criminoso era o irmão do juiz, hypnotisa-o e obriga-o pela suggestão a reproduzir fielmente o crime tal qual o praticára. O criminoso obedece a essa vontade imperiosa que o domina; o juiz reconhece n'elle o assassino, condemna-o á morte no fiel cumprimento dos seus déveres, e é fulminado por uma congestão, proveniente d'essa lucta gigantesca entre a consciencia do magistrado e a voz do coração.

A peça era bem feita, era interessante, mas o seu grande effeito dramatico foi perdido para o publico, por causa da intervenção do *sobre natural!*

— É uma magica! diziam os espectadores encolhendo os hombros, e sahiam do theatro gritando contra a inverosimilhança, contra a palhaçada.

Pois a palhaçada, a inverosimilhança, a magica, o sobre natural de ha vinte annos, é hoje acceite por toda a sciencia moderna, é o objecto do estudo aturado e glorioso de Charcot, de Besillon, de Hoffmann, de Benedick, de Delbœuf, de Millotti, de todas as illustrações medicas da actualidade.

Entretanto, para a maioria do publico, os phenomenos da hypnotisação e da suggestão são ainda uma novidade.

Os trabalhos e as experiencias dos medicos illustres, são apenas conhecidos dos homens de sciencia, e de meia duzia de curiosos d'esses estudos; para muita gente os phenomenos hypnoticos são ainda novidades, e por isso as experiencias feitas pelo dr. Das causaram sensação; foram recebidas de bocca aberta por uns, como prodigios de magia, foram recebidos de pé atraz por outros, como *trucs* habilissimos de prestigiador mui destro.

Mas a impressão geral produzida pela sessão publica do dr. Das foi enorme, e alguns jornaes, á frente d'elles o *Dia* n'um bem feito artigo pediram ao governo — o que em todos os paizes os legisladores e os homens de sciencia tem pedido — a sua intervenção n'este assumpto gravissimo.

A hypnotisação e a suggestão, que como meios therapeuticos podem ser e estão sendo já de uma grande utilidade para a medicina, podem ser e estão sendo já tambem um grande perigo para a humanidade.

A França, a Italia e a Belgica prohibiram já as sessões publicas de hypnotismo: a Austria vae prohibil-as ou já as prohibiu, e sobre a inconveniencia e o perigo de fazer sahir das salas dos hospitaes para as salas de espectaculo, as experiencias hypnoticas e suggestivas, não ha discordancias entre os homens de sciencia de todos os paizes.

Conhecido o poder da suggestão e posto ao serviço do crime, é um perigo enormissimo para a sociedade.

Lá fóra, recentemente ainda, n'estas ultimas semanas, já por tres vezes a suggestão hypnotica fez o seu apparecimento nos tribunaes do crime.

A primeira foi em Nantes.

Um homem era accusado de ter roubado uma quantia importante. Todas as presumpções eram contra elle: mas não havia provas directas, não havia testemunhas de vista, não se encontrára em seu poder, apesar de todas as pesquizas, o dinheiro roubado, e o homem negava terminantemente ter commettido o crime.

A ponto apparece em Nantes um hypnotisador, um outro Cumberland, que pela suggestão adivinhava tudo.

Esse hypnotisador foi convidado a fazer experiencia sobre o accusado: a adivinhar o sitio onde elle tinha escondido o roubo.

O hypnotisador acceitou a prova: fallou com o réu um pedaço, deante da justiça, e depois, pegando-lhe na mão — como o Cumberland fazia em S. Carlos — começou a passear pelas ruas de Nantes acompanhado pelos juizes e seguido de immensa multidão.

Depois de correr muitas ruas parou ao pé de um muro e disse:

— O dinheiro roubado está aqui, escondido n'este muro.

Veio logo uma picareta, começou-se a deitar o muro abaixo e effectivamente achou-se lá escondida uma porção de dinheiro, exactamente a somma roubada.

Apesar do resultado da experiencia, a justiça teve escrupulos — justificadissimos — de se servir d'ella como prova, no tribunal: — no julgamento a accusação nem fallou n'isso, mas toda a gente o sabia; o advogado do reu referiu-se ao caso para o verberar, alcunhando de charlatão o hypnotisador, mas o que é verdade é que o jury deu unanimemente por provado o crime, e o réu foi condemnado.

O outro caso deu-se em Mons, na Belgica.

Uma rapariga degolára de noite sua sogra.

Presa e levada ao tribunal, no dia do julgamento a ré foi accommettida d'um violento ataque hysterico que obrigou a addiar-se a continuação da audiencia para o dia immediato.

N'esse dia, porém, o juiz fez uma revelação curiosa ao tribunal, comprovada por duas novas testemunhas, o director da prisão e uma das carcereiras das mulheres.

Essa revelação foi, que na vespera do julgamento o advogado estivera com a ré na cadeia, a adormecera no somno hypnotico e lhe suggestionára o ataque que se dera no dia seguinte para fazer passar á conta de doença o crime de que ella era accusada.

Entretanto, apesar d'esta revelação, o jury absolveu a ré, e o juiz só se poude vingar da fraude mandando metter em processo o advogado, por se ter servido de meios illicitos para enganar a justiça.

O terceiro e ultimo caso deu-se em Constantina (Algeria) e não temos ainda noticia do resultado do julgamento.

Esse caso é o mais complicado e dramatico de todos elles.

Um rapaz misanthropo, exquisito, *detraqué* e romantico foi encontrado n'um quarto ferido por dois tiros de revolver na cara, e tendo a seu lado uma mulher morta com um tiro de rewolver.

O rapaz, cujos ferimentos são ligeiros, contou que ha muito tempo amava aquella senhora, de quem era amado tambem. Ella era casada e honesta e só consentira em ser sua obrigando-o a dar-lhe a sua palavra de honra que logo em seguida a mataria, matando-se depois a si.

E toda esta romantica historia é acompanhada por elle de pormenores lyricos e sentimentaes que parecem escriptos no periodo agudo de 1830.

Ora a tal senhora morta era muito conhecida na Algeria, muito estimada; era uma senhora honestissima, uma esposa exemplar, uma exemplar mãe de familia. O rapaz visitava-a a miudo, mas massava-a enormemente, era o seu pesadelo, e quando elle sahia ella respirava alliviada.

Nervosa, um pouco hysterica, o rapaz exercia sobre ella uma certa fascinação hepnotica e tudo leva a crer que esse suicidio romantico não passa d'um crime infamissimo.

O assassino levou-a pela suggestão até aquella casa, adormeceu-a pelo hypnotismo, e depois de ter abusado d'ella, matou-a, deu em si aquelles tiros bem calculados para forjar a sua historia.

Já vêem por estes exemplos que o hypnotismo e a suggestão não são cousas inoffensivas de que seja licito usar para divertir o auditorio em espectaculos publicos; é uma coisa seria, gravissima, de que um medico póde usar como usa da morphina e do arsenico, mas que deve ser vedada ao publico, de que deve ser prohibido usar como a mais perigosa das armas prohibidas.

A chronica vae longa e falta-nos ainda fallar dos theatros, que todos elles nos teem apresentado novidades. D. Maria uma peça nova de grande nome em Paris as *Surprezas do divorcio;* a Trindade, outra peça franceza de brilhante nomeada, o *Comboio de Recreio;* o Gymnasio, uma comedia que tambem teve exito notavel em Paris — *O Alfaiate das Senhoras;* e S. Carlos que nos apresentou um grande artista que tem um nome europeu, e que é hoje o mais illustre barytono do mundo lyrico — o sr. Battistini, e outros artistas novos, a sr.ª Millie que se estreiou no *Ernani* e a sr.ª Garagnani que se estreiou na *Mignon*, opera em que reappareceu a nossa illustre compatriota Regina Paccini e em que debutou um tenor francez o sr. Degenne.

O sr. Battistini é um grande artista e um grande cantor. A sua voz é a voz mais formosa de barytono que temos ouvido e a arte de *bel canto* com que se serve d'ella, faz-nos lembrar o Cotogne nos seus tempos aureos.

A voz de Battistini não é nem muito volumosa nem muito extensa, mas o timbre e encantador, e encantadora a arte primorosa com que sabe usar d'elle.

O *Vieni ame*, do *Ernani*, cantado por elle, é um verdadeiro regalo; a sua maneira de phrasear é deliciosa, sabe *nuancer* o canto como nunca ouvimos a nenhum barytono, e a ouvil-o sente-se a mesma impressão estranha e ineffavel que se sentia a ouvir o Massini, ou o Gayarre.

A sr.ª Mellie, a prima-dona que debutou com Battistini no *Ernani*, não é uma cantora extraordinaria, mas ouve-se sem grande enthusiasmo, mas sem desagrado.

A sr.ª Garagnani, que se estreiou na Felicia, da *Mignon*, é uma artista distincta, tem boa voz, sabe cantar, e o publico gostou logo muito d'ella *au premier abord*.

O sr. Degenne, um tenor francez, que fez o Willelm da *Mignon*, agradou tambem e muito justamente.

É um bom artista de pura escala franceza, que tem uma voz de tenor muito agradavel e que canta com muita intelligencia e com perfeito methodo.

Regina Paccini reappareceu na *Mignon* com os seus brilhantes dotes de *virtuose* que já lhe conheciamos, realçados por dotes artisticos de interpretação dramatica, e grande aperfeiçoamento de methodo de canto, resultantes do aturado estudo que fez durante as ferias theatraes.

E toda a companhia de S. Carlos é já conhecida do publico, excepto a Pasqua, que vem no dia 24 d'este mez e debuta na *Gioconda*, o tenor De Bergi que é tambem esperado por esse tempo e debutará no *Propheta*, e a primadona Van-Zandt que vem em dezembro.

Das *Surprezas do divorcio*, *Comboyo de recreio* e *Alfayate das senhoras* fallaremos na proxima chronica, notando desde já a circumstancia, pouco vulgar, de em Lisboa, em tres theatros se darem ao mesmo tempo tres comedias do mesmo genero, todas tres francezas, e todas tres dos mais notaveis *successos* de gargalhada dos theatros de Paris.

O publico de Lisboa póde-se queixar de tudo menos de tristezas, porque tem bastante onde rir, — D. Maria, Trindade ou Gymnasio.

Gervasio Lobato.

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUEZA

OS MEMBROS DAS COMMISSÕES EXECUTIVAS DA EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUEZA E DA SECÇÃO AGRICOLA

(Continuado do n.º 353)

Sua Alteza Real o Principe D. Carlos, é o presidente da commissão executiva da secção agricola da Exposição Industrial.

Um dos actos que mais tem encontrado a sympathia do povo para com o principe *lavrador*, foi, de certo, o ter elle ido ao seio da commissão executiva, no meio dos devotados trabalhadores a quem se deve a exposição agricola-industrial, e trabalhar como qualquer d'elles!

Sua alteza além de fazer construir a installação conhecida pelo nome de *Chalet do principe*, assistiu e dirigiu a arrumação dos productos das suas propriedades de Vendas Novas e Villa Viçosa, que, admiravelmente dispostas, alli se deparam ao visitante.

Conselheiro Elvino de Brito, secretario geral do ministerio das obras publicas commercio e industria, deputado ás cortes, director geral da Agricultura, é o vice-presidente da commissão executiva da secção agricola, espirito superior e muito culto, foi, na organisação da parte agricola da Exposição, o demonstrador de que *Par est fortuna laboris*, revelando assim a fonte, a origem, do que chamam a sua fortuna. Trabalhem como s. ex.ª tem trabalhado, os que o acham feliz, e verão como lhes apparece a fortuna.

D. Jorge de Mello, director da Companhia Real de Agricultura Portugueza, primeiro official do ministerio das obras publicas, commercio e industria, foi um dos enthusiastas organisadores da secção agricola, é o primeiro secretario da commissão executiva da mesma secção; moço possuidor de um bello talento, modesto e lhano, tem direito a esperar n'um futuro proximo um logar eminente a que lhe dão accesso estas qualidades *d'elite*.

Jayme Arthur da Costa Pinto, agricultor e industrial de machinas agricolas, é o segundo secretario da commissão executiva da secção agricola, muito intelligente e muito trabalhador, o seu concurso é decerto indispensavel n'estes certamens.

Alfredo Carlos Le Cocq, chefe de repartição da direcção geral de Agricultura, é um vinicultor distinctissimo na provincia do Alemtejo. O sr. Le Cocq, pela sua intelligencia, aptidão pratica como lavrador proprietario e theorica como agronomo, foi uma das boas conquistas da commissão executiva para seu vogal na secção agricola.

Alfredo Vasconcellos Correia de Barros, engenheiro agronomo, do ministerio das obras publicas, commercio e industria, é, pela sua afabilidade, um dos vogaes mais sympaticos da commissão executiva da secção agricola eleita em sessão da commissão organisadora.

Antonio Batalha Reis, agronomo do ministerio das obras publicas, auctor de trabalhos concernentes ao progresso agricola, e seu estudo particular, foi eleito vogal da commissão executiva da secção agricola da Exposição Industrial Portugueza. (a)

Antonio Maria Dias Pereira Chaves Mazzioti, procurador á Junta do districto de Lisboa, o afamado viticultor de Collares, é digno vogal da mesma commissão executiva. (a)

Commendador Estevão Antonio de Oliveira Junior, o abastado lavrador e proprietario do Alemtejo, não podia deixar de vir prestar o seu valioso concurso á commissão executiva da secção agricola, e para isso foi eleito na sessão da commissão organisadora em 15 de março d'este anno, vogal da mesma commissão. (a)

D. Fernando de Souza Coutinho, chefe interino de repartição da direcção geral de Agricultura, deputado ás Cortes geraes da nação portugueza, é vogal da commissão executiva da secção agricola.

Gerardo Augusto Pery, inspector geral do levantamento da carta agricola do reino, vogal da commissão executiva da secção agricola, a quem já aqui nos referimos, é um dos altos funccionarios do ministerio das obras publicas commercio e industria, mais inteligentes e trabalhadores, sendo notavel a lhaneza e urbanidade com que distingue subordinados ou inferiores.

Francisco Simões Margiochi, par do reino, engenheiro agronomo, é vogal da commissão agricola por ser tambem como já aqui o dissemos, um grande proprietario, vinicultor e viticultor do baixo Alemtejo.

Joaquim José de Oliveira Valle, deputado ás Cortes geraes, e procurador á Junta do districto de Lisboa, é tambem vogal da commissão executiva da secção agricola. (a)

Hermenegildo A. Faria Blanc, desenhador do ministerio das obras publicas commercio e industria, auctor do projecto da fabrica de tecidos de algodão da sociedade Lisboa Industrial, approvado pela Camara Municipal de Lisboa, é o chefe das construcções da exposição.

Carlos Campos—Está actualmente em Berlim exercendo uma commissão de serviço official; conservador da secção agricola e annexos, foi elle que organisou o catalogo da mesma secção, ultimamente publicado na Imprensa Nacional, um volume de seiscentos e cincoenta e quatro paginas, feito em 37 dias de trabalho! N'este trabalho Carlos Campos foi coadjuvado por Julio Palmeirim, um intelligente funccionario do ministerio das obras publicas, filho do glorioso poeta nacional Luiz Augusto Palmeirim.

O catalogo insere uma larga descripção dos generos expostos por tres mil seiscentos e dez agricultores ou vinicultores. Numero este de expositores até á data só de 17 de maio ultimo. Carlos Campos é habilissimo empregado, um dos nossos funccionarios mais trabalhadores, coração generoso, caracter moderno, tem já uma attendivel lista de serviços ao paiz que é mister não esquecer; e, pelos homens considerados n'este genero de trabalhos, Carlos Campos, é um collaborador indispensavel para a organisação de qualquer exposição nacional, como ainda ha pouco o dizia uma respeitada folha de Lisboa—*As Novidades*.

Manuel Barradas.

(a) Não foi possivel obter retratos d'estes cavalheiros.

(a) Não foi possivel obter retrato d'este cavalheiro.

AS NOSSAS GRAVURAS

CASENGO — FAZENDA PROTOTYPO

Casengo está a doze horas de viagem do Dondo. Passa-se o valle de Quanza, atravessa-se a pequena torrente do Mucazo, depois o rio Lucalla, e chega-se a Cacullo, pequena povoação, com algumas casas e uma egreja.

É aqui a residencia do chefe do conselho de Casengo. A povoação europea é apenas de uns cincoenta brancos, o resto são indigenas.

Casengo pertenceu a Massangano, mas o governador geral, Pedro Alexandrino da Cunha, estabeleceu-o em conselho, sendo actualmente muito importante.

A principal producção de Casengo é o café, cultura alli introduzida por João Guilherme Pereira Barbosa, agricultor que veiu do Brazil, em 1837.

Tem tres propriedades agricolas importantes, que são: a fazenda Prototypo, a fazenda Palmira e a Colonia S. João.

É na fazenda Prototypo, propriedade fundada pelo sr. Albino Magalhães, que se encontra a formoza rua de palmeiras que reproduzimos na nossa gravura.

É um perfeito tunnel de grande altura e de 500 metros de extenção.

Soberba arcaria de palmeiras, tão fechada que não passam atravez d'ella os raios do sol.

Se na gravura o effeito optico ou prespetico d'esta rua é agradavel de vêr, póde-se facilmente imaginar a impressão que deve produzir ao viajante que visitar este logar. Um assombro.

INOCULAÇÕES ANTI-RABICAS

(Concluido do n.º 355)

As estatisticas dos diversos institutos vaccinicos anti-rabicos provam pouco para o dr. von Frisch, não só porque faltam pontos de comparação, mas tambem por se não achar ainda verificado, de um modo absoluto, o numero de individuos mortos, d'entre os que tenham sido mordidos; sendo observação d'aquelle professor que todos os methodos novos têm ao principio uma certa voga e mesmo uns certos resultados favoraveis, que o tempo corrige muito e que, por isso, só a estatistica de um grande numero de annos deverá bem aquilatar este methodo, e revelar com segurança se elle determinou ou não uma diminuição da mortalidade. No caso da vaccinação anti-rabica, em particular, ha ainda muito para fazer, por se operar com um virus que se não conhece, ao passo que, em algumas outras affecções inficiosas, está bem estudado o respectivo agente e portanto mais facil será attenual-o por certos methodos especiaes.

Tambem ao dr. von Frisch parece certo que a dessicação da medulla rabica não é o melhor processo de a attenuar, ou pelo menos, que não é o processo que determina uma acção mais constante, sendo egualmente importante a distincção do periodo em que é praticada a vaccinação, visto que nada ha a esperar d'ella, se a economia estiver já inficionada, ao passo que alguma esperança se poderá ter, no caso contrario. E, n'este ponto, o professor viennense diz haver inteiro accordo entre as suas opiniões e as de Pasteur, pois que este affirma não ser sempre a immunidade constante ou definitiva, havendo 11 por cento de animaes que deixam de ser refractarios, no fim de um anno, e 33 por cento que o não são já, ao cabo de dois annos.

E, por ultimo, como Pasteur tem sido obrigado a modificar tres vezes os seus processos, como o seu methodo se não firma em experiencias de uma certeza absoluta, e como emfim carece ainda de mais prolongados ensaios, o que mais razoavel parece ao professor von Frisch é singelamente a vaccinação obrigatoria dos cães, e a suspensão do nosso juizo, por emquanto, com referencia ás inoculações preventivas na prophylaxia humana.

Como se vê, esta opposição ao methodo Pasteur não foi o que se esperava, e pelo contrario, concluindo pela vaccinação obrigatoria dos cães, e limitando-se, sem propor cousa melhor, á affirmação de que o methodo nem sempre é efficaz, deixou no espirito da assembléa a impressão de que o proprio professor von Frisch está a passar-se com armas e bagagens para o campo onde trabalha o grande chimico francez.

Os dois medicos italianos, a que já nos referimos, pouco effeito fizeram na assembléa, e o arrazoado de qualquer d'elles não passou de uma formal repulsa ao methodo e ás descobertas de Pasteur ácerca do tratamento anti-rabico.

Pelo contrario, o professor Metschnikof, da universidade de Odessa, confirmou absolutamente os resultados de Pasteur, e com muitos algarismos e muitos factos, entre os quaes sobrelevam os de ter inoculado 713 individuos e para cima de 1:500 coelhos, sustentou que é muito preciso fazer bem as inoculações, com o maximo rigor e seguindo á letra as indicações de Pasteur, e tambem que os desastres de von Frisch devem ter tido por causa algum erro experimental, visto que sómente d'este modo se podem explicar os obitos dos animaes por infecção, antes mesmo de findo o periodo de incubação.

Narrou elle que, no estio de 1886, empregou medullas de cinco dias, e que os resultados foram desfavoraveis, pois que, em 102 casos, occorreram 7 obitos, ou seja 9,1 por cento; que, mais tarde, se convenceu de que as medullas dos coelhos de Odessa são mais curtas do que as dos coelhos de Paris, e egualmente de que não tinham por isso a precisa virulencia, e que então passou a praticar uma vaccinação mais intensiva com medullas de dois dias, e logo com pleno exito. Sobre 137 pessoas, que não receberam medulla alguma de dois dias, houve 9 obitos, ou seja 6,5 por cento, e sobre 90 pessoas, que foram inoculadas com duas medullas de dois dias, houve apenas 2 obitos, ou seja 0,6 por cento, na totalidade 532 casos que, apesar dos resultados desfavoraveis da primeira serie, deram unicamente a mortalidade de 2,4 por cento. Algum tempo depois, voltou o mesmo experimentador a empregar outra vez as medullas de cinco dias, e a mortalidade logo tornou a subir, para nunca mais assim succeder, uma vez estabelecida como regra a vaccinação com virus mais forte, e nas condições das experiencias anteriores.

Mas, ha mais ainda. O dr. Gamaleia descobriu, no instituto vaccinico de Odessa, uma outra causa de erro, que é interessantissima para o caso, e vem a ser que ha uma doença do coelho parecida com a raiva, e que, muitas vezes, se terão talvez empregado as medullas dos coelhos

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUEZA COM UMA SECÇÃO AGRICOLA

MEMBROS DA COMMISSÃO EXECUTIVA DA SECÇÃO AGRICOLA

GERARDO AUGUSTO PERY

CONSELHEIRO ELVINO DE BRITO

VICE-PRESIDENTE DA COMMISSÃO

FRANCISCO SIMÕES MARGIOCHI

ALFREDO VASCONCELLOS CORREIA DE BARROS

ALFREDO CARLOS LE COCQ

JAYME ARTHUR DA COSTA PINTO

D. JORGE DE MELLO

CARLOS CAMPOS

CONSERVADOR DA SECÇÃO AGRICOLA

D. FERNANDO DE SOUZA COUTINHO

HERMENEGILDO A. FARIA BLANC

CHEFE DAS CONSTRUCÇÕES DA EXPOSIÇÃO

affectados d'esta enfermidade, na hypothese de que se estão usando medullas verdadeiramente rabicas.

Julgada a materia discutida, o dr. Chamberland respondeu ás objecções de todos os adversarios de Pasteur, e, adduzindo novas razões e novos factos, insistiu principalmente em que os estudos preliminares de uma questão como esta, são por força longos e difficeis; que a manipulação do virus, o modo de se fazer a inoculação e até o logar da injecção não são indifferentes e podem ser motivo de erro, se não forem seguidos á risca os preceitos indicados por Pasteur; que até o proprio von Frisch quer já transigir; e finalmente, que o principio scientifico da vaccinação anti-rabica e os factos adduzidos pelo grande chimico francez são perfeitamente exactos e hoje recebidos por toda a gente sem contestação alguma.

Assim, a grande obra de Pasteur recebeu, no congresso de Vienna, uma formal consagração, como, mais tarde, a recebeu egualmente no relatorio da commissão ingleza, que é a expressão nitida de uma confiança inteira e unanime. E em verdade, os nomes de James Paget, de Brunton, de Lister, de Sanderson, de Fleming, de Roscoe e de Victor Horlsley, que firmam aquelle documento, valem bem *os von Frisch, os Renzi e outros adversarios do methodo Pasteur.*

Mestre e iniciador benemerito! Dorme tranquillo no teu leito de enfermo, visto que a doença te não deixará mais voltar ao laboratorio; e se alguem te disser que a tua obra está incompleta, dize-lhe que é porque ella era superior ás forças de um homem só, embora, fôsse da tua enorme craveira de gigante; dize-lhe ainda, porque ninguem nunca a applicou com mais razão, a phrase de Ovidio: *materiam superabat opus.* Elles queriam de ti milagres, e tu eras só homem, comquanto fôsses um sabio de primeira grandeza.

EXPULSÃO DOS JESUITAS

DE

PORTUGAL, BRAZIL, MADEIRA, AÇORES, ASIA E AFRICA

(Conclusão)

IV

ASIA E AFRICA

Na India, o vice-rei, conde da Ega, mandou em portaria de 25 de setembro de 1759 proceder á reclusão dos jesuitas d'aquelle estado e ao inventario e sequestro de todos os seus bens.

Na noite d'esse mesmo dia foram cercadas de tropa, ás ordens de um desembargador da relação de Gôa, algumas das casas da Companhia de Jesus,[1] e no outro dia pela manhã procederam a inventario e sequestro no Collegio novo de S. Paulo o desembargador José Luiz França; — no Noviciado da ilha de Chorão o desembargador Antonio Vaz de Figueiredo, ouvidor geral do crime e auditor geral da gente de guerra; — no hospital real de Gôa, que era administrado pelos jesuitas, o capitão de mar e guerra D. Christovam de Carcamo Lobo; — na procuratura da provincia de Malabar, Caetano Lobato Gameiro de Faria, capitão ouvidor da provincia de Bardez; — e na procuratura da provincia do Japão o desembargador José Lobo da Veiga.

No dia 27 o procurador da corôa e fazenda, Luiz Botelho da Silva Valle, entrava a sequestro na casa professa do Bom Jesus de Gôa e no seminario do Collegio de Bacaim; — e o desembargador chanceller-mór, João de Sousa Menezes Lobo, no Collegio de Santo Ignacio de Rachol.

Em 4 de outubro seguinte começou no Collegio velho de S. Paulo o inventario e sequestro feitos pelo desembargador Marçal José Machado.

Da mesma sorte foram tambem sequestrados os Collegios que os jesuitas tinham na fortaleza de Diu e na praça de Damão.

Mas, só passados dois annos vieram para Lisboa os jesuitas da India. A 24 de maio de 1761 chegava ao Tejo a nau *Nossa Senhora da Conceição e S. Vicente Ferreira* com noventa e tres regulares da Companhia de Jesus, sendo trinta e um do quarto voto (entre os quaes se contavam tres que tinham sido provinciaes e um secretario da provincia de Gôa; um provincial e dois procuradores do Japão; um preposito da casa professa e um procurador geral de Gôa, um secretario de procuratura de Malabar, um procurador de um dos Collegios de S. Paulo, cinco reitores dos Collegios de Rachol e de Damão e do Noviciado do Chorão, e quatro lentes de theologia), vinte e tres ainda não professos, nove coadjutores espirituaes, quatorze minoristas e dezeseis irmãos coadjutores.

No mesmo dia foram mandados para a torre de S. Julião da Barra um jesuita, que fôra o ultimo reitor do Noviciado do Chorão, outro que tinha sido secretario da provincia de Gôa, e um lente de theologia com mais treze religiosos, todos estrangeiros, sendo oito italianos, um allemão, um hespanhol, um francez e um chim.

Transportados ainda n'esse dia todos os mais para o presidio do lazareto da Trafaria, foram logo depois distribuidos pela fórma seguinte:

Em 28 sahiram dezeseis para a casa de custodia de Azeitão: — um preposito da casa professa, um procurador geral e tres provinciaes de Gôa; um provincial e dois procuradores do Japão; um reitor do Collegio de S. Paulo, e outro do Collegio de Damão; um procurador de Rachol; um secretario de Malabar; um lente de theologia, um padre tambem do quarto voto, outro ainda não professo, substituto de theologia, e um coadjutor.

Ao outro dia foram mandados quinze para o convento de S. João de Deus: — nove ainda não professos; cinco minoristas e um coadjutor.

Ficaram, portanto, na Trafaria quarenta e seis jesuitas, sendo nove do quarto voto (entre elles tres reitores dos Collegios de Damão e de Rachol e do Noviciado do Chorão, e um lente de theologia), doze ainda não professos, vinte coadjutores e cinco minoristas, aos quaes em 31 do mesmo mez de maio foram reunir-se nove padres do quarto voto e cinco coadjutores que estavam em Azeitão; embarcando todos no dia seguinte no transporte *Elenetzer*, que os levou para Italia, em numero de cincoenta e quatro.

Os jesuitas destinados a irem para fóra do reino permaneceram oito dias no lazareto da Trafaria.

Existem duas contas officiaes da despeza feita com elles durante aquelle tempo por ordem do conde de S. Vicente, a quem fôra confiada a guarda dos presos; uma com designação da importancia em réis de cada uma das verbas, outra sem ella. E tem os titulos seguintes:

«Despeza que fiz do dinheiro que recebi para o que se fez preciso aos regulares denominados da Companhia de Jesus no tempo que estes estiveram em custodia no presidio do lazareto da Trafaria, despendido por ordem do conde de S. Vicente, Manuel Carlos, capitão de mar e guerra, e primeiro ajudante das ordens do Sr. D. João, capitão general da armada real, na fórma abaixo declarada.»

Esta conta é assignada por Manuel Cardozo, escrivão da nau *Natividade*, que serviu de almoxarife no lazareto da Trafaria.

«Despeza que se fez com os regulares denominados da Companhia de Jesus, que vieram do estado da India na nau de guerra *Nossa Senhora da Conceição e S. Vicente Ferreira*, os quaes estiveram em custodia nas cadeias do lazareto da Trafaria desde o dia 24 de maio do anno de 1761 até o dia primeiro de junho do mesmo anno, em que foram transportados do dito lazareto para bordo do navio dinamarquez *Elenetzer*, e assim tambem com a assistencia de seis officiaes, destacamentos e equipagens de varias embarcações que no discurso do dito tempo se fizeram precisas, feita por ordem do conde de S. Vicente, Manuel Carlos, capitão de mar e guerra, e primeiro ajudante das ordens do sr. D. João, capitão general da armada real.»

Esses documentos vieram tirar todas as duvidas sobre um facto que anda affirmado em alguns livros e negado por outros, a saber: — que nunca partiu do governo de D. José I a ordem de maltratar os jesuitas presos.

Na Trafaria era farta a sua meza:

«Mil novecentos e oitenta pães de vintem.
«De peixe, 6:330 réis.
«Dezeseis arrobas e vinte libras de vacca fresca.
«Uma arroba e vinte libras de vitella.
«Duas arrobas de toucinho.
«Um quintal de bacalhau.
«Dois quintaes de arroz.
«Vinte e seis almudes de vinho.
«Oito almudes de vinagre.
«Vinte e quatro canadas de azeite.
«Nove alqueires de legumes.
«Tres arrobas de assucar.
«Quarenta e seis molhos de cebolas verdes e seccas.
«Uma sacca de carvão.»

Havia tambem algumas iguarias:

«Cento e sessenta e quatro gallinhas.
«Tres presuntos.
«Quarenta e duas libras de manteiga.
«Trinta e duas duzias de ovos.
«Cento e oito duzias de alfaces, couves e xicorias.
«Oitenta e quatro libras de ervilhas verdes.
«Oito libras de marmellada.
«Doze canadas e meia de aguardente.
«Seis libras de chocolate.
«Duas libras de pimenta.
«Uma libra de cravo.
«Quatro nozes moscadas.
«Uma libra de canella.
«Duas mil laranjas doces.
«Trezentas ditas azedas.
«Mil limões azedos.
«De cerejas e embarcação que as foi buscar, 1:620 reis.»

Se alguns espiritos meticulosos pretenderem que a aguardente era para dar á tropa, e o chocolate, a marmellada, a noz moscada, e a canella para acepipes da meza dos officiaes, não póde, comtudo, rasoavelmente conceder-se que fossem só para elles 164 gallinhas, 42 libras de manteiga, 32 duzias de ovos, 84 libras de ervilhas, 2.000 laranjas doces e um barco carregado de cerejas!

O cosinheiro era o mesmo para os jesuitas e para os militares:

«Ao cosinheiro que cosinhou aos padres e destacamento 1:920 réis.»

Além d'isso, houve com elles certas attenções que eram, na verdade, muito para agradecer:

«Aos barbeiros que fizeram as barbas aos padres, 2:400 réis.
«De cachimbos para os padres, 120 réis.
«Quatro libras de tabaco de pó.
«Duas ditas de tabaco de fumo.
«De tabaco de fumo para os padres, 400 réis.»

Não faltou tambem aos enfermos o tratamento que o seu estado requeria:

«Aos cirurgiões que assistiram aos padres doentes, 2:100 réis.
«De leites de vaccas e de burras, 3:325 réis.»

Ha que notar ainda outras miudezas que revelam bem o cuidado havido com os religiosos expulsos:

«Ao alfaiate de concertar alguma roupa aos padres, 355 réis.
«De linhas e botões, 120 réis.
«De pregos para pregar as caixas aos padres, 2:400 réis.»

Finalmente, dez jesuitas vindos de Moçambique e da costa occidental de Africa, um dos quaes era preposito da casa professa de Moçambique, outro reitor da mesma provincia, e outro superior de Quilimane, foram mandados em 24 de maio para a torre de S. Julião da Barra.

Alberto Telles.

[1] «para cujo fim *(o sequestro)* tinha elle desembargador vindo com a guarda militar que se lhe tinha dado para a dita casa da procuratura do Japão na noite do dia de hontem que se contaram 25 do corrente, e que pela mesma guarda tinha determinado a precisa vigilancia e cautella para segurança de qualquer desvio.» — *Inventario da procuratura do Japão.*

A CIVILISAÇÃO DA AFRICA

Eis parte de um artigo em que o sr. Fernando Reis, novel escriptor africano, residente em Benguella, aponta, como pratico que é nas nossas cousas do ultramar, os meios que se lhe offerecem mais conducentes para levar a civilisação ás nossas colonias e fazel-as prosperar.

É bem que alguns d'aquelles que muito fallam das nossas possessões da Africa, sem lá terem estado, e, portanto, sem conhecerem as necessidades d'essas regiões, é bom que esses que nem ao menos estudam os meios de desenvolver moral e materialmente os nossos dominios d'além mar, leiam as linhas que vão seguir-se.

Esperamos que essas sensatas considerações sejam avaliadas devidamente pela metropole, pois as questões africanas são actualmente para nós das mais momentosas e interessantes.

....Falla-se incessantemente em Portugal de colonias, de gente branca para Africa. Essa idéa que, a nosso ver, jámais ha de produzir os effeitos desejados, deve ser posta de parte, se se quizer fazer prosperar as colonias ultramarinas. Seria ella salutar em extremo, pois que a influencia dos povos civilisados entre os faltos de civilisa

ção, produz sempre beneficos effeitos; sel-o-hia se em todos os pontos d'Africa se podessem estabelecer essas colonias, o que é impossivel.

A influencia climatologica d'Angola, excepto em Mossamedes, e no plan'alto, não deixa que colonia alguma de gente branca tome incremento e prospere.

Volva-se pois a vista para a raça negra, e fazendo-se d'ella o que se não póde fazer da branca, ter-se-ha conseguido o desejado fim.

Para tal se realizar, com feliz exito, o que é preciso? Instrucção e desenvolvimento intellectual para o indigena, que é tão susceptivel de aperfeiçoamento de intelligencia como o europeu.

E como tal se obter?

Por meio de escolas ao principio, e depois por meio de colonias formadas por essa mesma gente.

Essencial é, sobre tudo, que os governos de Portugal mandem todos os annos para a metropole transportar tres ou quatro rapazes e duas raparigas de cada uma de suas colonias, tirados estes da grande familia africana, e ahi tratados a expensas do Estado, sejam educados convenientemente para regressarem depois de adultos ás suas patrias.

Ao mesmo tempo, seria bom o governo fundar nas cidades principaes do ultramar, escolas tanto para o sexo masculino como para o feminino, mas onde estejam como internos, sómente recebendo suas familias em dias e horas marcadas, para que a influencia (dos que por causa da idade já avançada, são insusceptiveis de se civilizarem e illustrarem) não seja a essas creanças perniciosa; e isto é exactamente o cancro mais roedor que hoje existe na Africa, e o que mais damnoso é á civilisação do negro. Dá-se isto, e nota-se muito de visu, nos concelhos e regiões onde vivem mais degradados, e individuos de baixa esphera. Nas escolas, em que fallo, e como ha na casa Pia, estabeleçam-se officinas, onde a horas designadas nos seus regulamentos, vão os alumnos aproveitarem-se do beneficio d'uma arte, officio ou profissão, ao mesmo tempo que aproveitam da cultura do espirito por meio das letras. Perto d'essas cidades principaes, mas comtudo não muito perto, por causa da influencia das familias, no campo, crie o governo estabelecimentos agricolas, como por exemplo em Loanda, no Quanza; em Benguella, no Dombe grande; nos terrenos de Mossamedes, quintas modelos, para lá, depois de dados pelas escolas das cidades como aptos a frequentar esses institutos agricolas, aprenderem a lavoura, por meio do arado e instrumentos agricolas modernos, habilitando-se elles assim, ou por sua conta ou d'outrem, a administrarem e fundarem mais tarde propriedades agricolas.

N'essas quintas regionaes ensina-se-lhes a agricultura do que é productivel nos climas torridos, como a canna sacharina, para a extracção do assucar e alcool, a plantação dos cereaes e legumes, que melhor se desenvolvem na Africa, a cultura do café, cacau, tabaco, etc., bem como os seus fabricos, e terão dentro em breve a solução do verdadeiro problema da civilisação africana. Esses mesmos rapazes, depois de homens, sejam reunidos em nucleos, e com elles fundarão colonias, nos pontos mais affastados do litoral, que resistentes como são, por estarem em suas terras, ao clima africano, não serão atacados de doenças continuas.

Em vez, pois de diminuir a população n'esses pontos, forçosamente ha de progredir, e ter-se-ha sem muito custo uma raça illustrada e trabalhadora.

Colonisar-se Africa com gente branca, é simplesmente ostensivo a certos pontos, e os restantes, que são a mór parte, hão de constantemente jazer na ignorancia e no atrazo de hoje.

O estado em que se encontra actualmente a Africa, faz com que na raça feminina, haja toda a qualidade e sorte de depravação imaginavel.

O casamento é para esta gente desconhecido. A mancebia, resultado certamente da ignorancia d'um povo, é o laço matrimonial aqui adoptado; e não é por isso raro encontrar-se n'uma libata (que é uma reunião de choupanas, aqui denominadas cubatas) *um harem*.

O negro, vivendo vida folgada e sem cuidados, como vive, não pensa, mal chega aos 13 ou 14 annos, senão na mancebia, como não pensa o estudante nos paizes civilisados, n'essas idades, senão no namoro e no casamento. A differença consiste em que este, tendo mais sujeição, e obedecendo á civilisação que lhes impõe respeito ás leis e a seus paes, não vae além d'um namorico infantil, ao passo que o negro, arrastado pelos palpites do seu coração juvenil, e não tendo quem o contrarie, toma logo tres ou quatro concubinas, estragando-se e embrutecendo-se. Ponha-se côbro a isto, com a civilisação, que é a base da sujeição, e dos deveres sociaes.

—Muito, muitissimo, tambem se consegue, no sexo fragil, emquanto creanças, com as prédicas das mestras, e depois de adultas e de mães, com o castigo, infligido pela justiça em taes casos.—A iniciativa particular, que constantemente anima os governos, no emprehendimento do progresso d'um povo, não hade decerto fazer-se rogada, e assim veremos a coroação da gigantesca obra da civilisação d'Africa Portugueza.—Preciso é tambem que o governo, proteccionando mais seriamente a agricultura e o commercio, tão cheio d'impostos, desonere estes dois ramos de florescencia d'um paiz de grandes encargos, como é este, ao peso dos quaes os vergam, e faça desenvolver a industria, que existe de facto, mas atrazadissima, por falta de vistas paternaes e amigas, que a elevem.

Benguella 8-9.º-88.

Fernando Reis.

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

X

Pum! Pum! Pum!

As janellas do terceiro andar do sr. Leitão abriram-se de par em par, e as visitas correram para ellas em tropel.

Na rua calaram-se de repente os gritos de «Vinho, licores e doces» e de «Vae agua ou não vae agua» que até então cortavam compassadamente, de momentos a momentos, o ruido confuso da turba, e o povo acotovellou-se, empurrou-se, atropellou-se procurando as melhores posições, as posições difinitivas para assistir ao fogo da m.me Tournour.

Á salva de morteiros succedeu immediatamente um foguete de lagrimas de côres, que se abriu na escuridão da noite, alastrando sobre o recinto um clarão multicor.

A...a...a...ah! gritou lá debaixo da rua, em unisono, como se tivesse uma só bocca, a multidão inteira.

E n'esse prolongado «A...a...a...ah» havia um bocadinho de tudo, um bocadinho de admiração, um bocadinho de troça, um bocadinho d'ironia, um bocadinho de sinceridade, uma *mayonaise* de todos os varios sentimentos por que póde ser agitada a alma humana em frente d'um foguete de lagrimas.

Nas janellas da casa do sr. Leitão ia tambem grande alvoroço, e concorria-se com avultada *quota* para esse tal «A...a...ah!» gigantesco que respondia a todos os foguetes e a todas as bombas.

A parte trocista era dada pelo Quim Barradas, pela menina Alice, pelas outras meninas, e por algumas das mamãs mais illustradas; a parte admirativa vinha dos labios da sr.ª Leitão, da D. Ephigenia e do sr. Pereira; a parte somnolenta sahia dos bocejos interminaveis do dono da casa, em quem nem mesmo o estampido dos morteiros da pyrotechnica britanica conseguira destruir os effeitos narcoticos do *Addio* da Traviata e da descripção do incendio.

O Dominguinhos ficára sósinho no meio da sala, agarrado á cadeira, interrompido precisamente na parte mais importante da sua descripção, quando o melhor ia principiar, e quando, recobrado de todo o sangue frio, ia de vento em popa a caminho, se não da gloria, pelo menos dos applausos dos convidados do sr. Leitão.

Intrigado, sem no primeiro momento comprehender o que queria dizer aquella debandada, olhára para todos os lados estupefacto.

Depois, quando viu a Ignacinha levantar-se n'um pulo, e correr para a janella, o Dominguinhos encavacou deveras.

A detonação dos morteiros fel-o perceber do que se tratava, e, corrido, envergonhado, e mesmo um bocadinho indignado, sentou-se na cadeira que lhe servia de encosto e ficou-se um bocado a pensar amargamente na falta de gosto e de critica d'aquella gente, que preferia á descripção d'um fogo, a vista d'um fogo de vistas!

—Que sucia de cretinos! commentava elle desdenhosamente do alto da sua superioridade; que bando de ignorantes! E estive eu a atirar-lhes perolas...

Mas no meio d'estes seus commentarios indignados fez um grande clarão lá fóra, e a menina Ignacinha disse da janella, chamando-o, muito enthusiasmada:

—Ande cá, sr. Pereira, ande cá depressa, olhe que lindo foguete, que côr de lilaz tão mimosa.

O Dominguinhos levantou-se e deu dois passos para a janella.

O seu primeiro movimento foi ir ver o fogo, obedecer ao chamamento da Ignacinha. Mas a sua vaidade offendida retomou o seu logar.

—Ir ver o fogo? considerou elle com os sues botões, não, nunca! Seria rebaixar-me ao nivel d'essa gente!

E muito cheio da sua superioridade voltou para traz, e enfiou pela porta do corredor, e em vez de ir para ao pé da Ignacinha ver os foguetes, foi para a janella da casa de jantar, que deitava para traz, para o saguão, e ahi se deixou estar, magoado, offendido e vingativo, desfeiteando o fogo de vistas que lhe arrancára tão malcreadamente os seus ouvintes.

* * *

Quando o fogo da m.me Tournour acabou, o sr. Leitão e os seus convidados voltaram para a sala, desdenhando do espectaculo, que tanto os divertira, com uma ingratidão perfeitamente humana:

—Uma borracheira! dizia um.

—Sempre a mesma coisa! mais rodinha menos rodinha, mais valverde menos valverde, tudo vem a dar na mesma!

—Não valia a pena a gente incommodar-se a vir lá de tão longe! exclamava com uma franqueza grosseira a mãe da Alice.

—Mal empregadas passadas! lamentava com a mesma má creação a D. Ephigenia.

E o Leitão, morto por ver todas as visitas pelas costas, disse pela segunda vez a sua mulher:

—Ó menina! agora é melhor irmos ao chá!

—E já vão sendo horas, vão! approvou o Pereira sem se importar com delicadezas, é quasi meia noite.

—E d'aqui a sua casa ainda é um bocadinho, commentou logo o sr. Leitão, querendo aproveitar-lhe as boas intenções, em que o via, de se pôr a andar.

A dona da casa foi lá dentro dar as ordens para vir o chá, e entretanto a menina Ignacinha lembrando se agora do seu namorado que esquecêra pela *melancia* pelas *serpentes correndo atraz da borboleta*, olhava para todos os cantos da sala á procura do Dominguinhos, e, não o vendo, perguntava á mãe d'elle:

—Onde está o seu filho? Ir-se-hia embora?

—Embora? Nada. Isso não foi! Elle tem que ir com a gente, porque o pae a certas horas da noite quer sempre que elle o acompanhe, anda por ahi muita ladroagem...

—Mas não o vejo...

—Naturalmente é que teve necessidade de ir lá dentro, explicou prosaicamente a mãe do Dominguinhos.

A criada e o aguadeiro, o Bento, vestido com o seu fato da confissão, em honra dos annos da menina, entraram na sala: elle com o taboleiro grande carregado de chavenas com chá, ella com um taboleiro mais pequeno com pratos de fatias delgadinhas de pão saloio duro.

—E então os bolos? perguntou o Leitão para sua esposa.

—Logo, logo, disse-lhe ella a meia voz, então querias sustentar toda esta gente a bolos finos? Primeiro deixa-os embatucar com as fatias.

A sr.ª Leitão, porém, não conhecia muito o estomago humano das *soirées* particulares; as fatias desappareceram dos pratos como por encanto, mas, não obstante, quando a creada reappareceu trazendo triumphantemente a bandeja de bolos finos enfeitada com trouxas d'ovos, rozas de papel, foguetes e flores d'alcorce das conserveiras da rua do Ouro, umas raparigas que tinham uma doçaria, com duas portas na rua Aurea, no primeiro quarteirão vindo do Rocio, lado esquerdo, doçaria então muito em voga,—as visitas saltaram logo na bandeja e os bolos seguiram o mesmo caminho rapido que tinham levado as fatias.

Juntamente com os bolos finos entrou na sala o Dominguinhos.

O seu plano falhára completamente.

Esperava fazer sensação com a sua ausencia, e que o fossem buscar á janella do saguão, mas nada d'isso aconteceu; primeiro porque ninguem a não ser a Ignacinha e a Alice tinha dado pela falta d'elle, depois porque em vista da explicação que a D. Ephigenia deu da ausencia de seu filho, a Ignacinha teve o cuidado de nem por sombras alludir a essa ausencia.

Furioso por ter perdido o fogo e perdido o tempo sem proveito algum, o Dominguinhos amuou-se, e desforrou-se nas trouxas d'óvos; comeu como um esfaimado.

A menina Ignacinha acercou-se d'elle para lhe mostrar os versos da sua pastilha:

Com as suas settas Cupido traidor
Gravou no meu coração a palavra amor.

O Dominguinhos sorriu delicadamente, mas com um ar frio, cheio de reservas, que denunciava bem que elle estava chocado.

A Ignacinha amuou tambem.

Quem triumphava com os seus amores era a Alice que, sempre bem com o seu Quim, fallava e ria com elle a bandeiras despregadas, com um grande exaggero mesmo para metter mais ferro ainda ao seu antigo namorado e á sua amiga.

A D. Ephigenia, contristada com o insuccesso do incendio de seu filho, e attribuindo a esse insuccesso a monice em que elle estava agora, quiz salval-o e lembrou pondo-se em pé:

—Agora, Dominguinhos, é que tu podias acabar a descripção do incendio...

(Continúa) *Gervasio Lobato.*

RESENHA NOTICIOSA

Viagem real. Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia e Sua Alteza o Infante D. Affonso, são esperados em Lisboa no dia 12 do corrente. No regresso de Vienna d'Austria a Lisboa, visitaram Munich e depois a Belgica, demorando-se dois dias em Bruxellas, onde foram comprimentados os reaes viajantes pelo rei Leopoldo, que lhe offereceu um jantar de gala no paço. Em Paris Sua Magestade a Rainha foi visitada pelo presidente da republica Mr. Carnot.

Fallecimento. Falleceu no dia 4 do corrente a sr.ª marqueza de Vianna, que de ha muito se achava retirada do convivio da côrte. A sr.ª Marqueza de Vianna, D. Maria do Carmo da Cunha Quintella e Menezes, nasceu a 29 de outubro de 1814, e era filha dos condes da Cunha e neta dos primeiros barões de Quintella. Ainda não terão esquecido da memoria da sociedade lisbonense as explendidas festas que os marquezes de Vianna deram no seu palacio do Rato. Os banquetes e os bailes d'estes fidalgos fizeram epoca em Lisboa, e no palacio do Rato reunia-se a flor da aristocracia, tendo assistido ali a um d'esses sumptosos bailes a rainha D. Maria II. Todo esse fausto acabou, e a nobre marqueza de Vianna retirou-se para o seu modesto palacio de Pedrouços, despediu-se das festas e assim viveu mais de vinte annos consulando-se, por ventura, com as alegrias passadas. Para se destrair dava os seus passeios pela baixa, acompanhada de uma creada, e muitas vezes a vimos parada em frente das montras das casas de modas, contemplando *toiletes* que não eram seguramente comparaveis aos mais somenos que ella usara nos seus tempos aureos. Outras vezes ia para o theatro, sempre na companhia da sua creada, e as duas occupavam dois logares de plateia, quando não eram de galeria. A marqueza, de cabeça pendida para o peito não a levantava para a scena, e assim se conservava todo o espectaculo, ouvindo mas sem vêr o que se representava. No fim retirava-se, e lá ia andando até encontrar carro americano que a transportasse até Pedrouços, a ella que tão boas equipagens tinha tido ás suas ordens. Vimol-a ha dois annos na sua quinta de S. Pedro de Cintra. Foi ali por occasião da feira e esteve só dois dias hospedada em um hotel, Estava muito doente. Dissenos que se ia despedir da sua quinta, que não tornava lá. E não tornou.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Geographia, Mathematica e Chronologia, por José de Souza. Adolpho, Modesto & C.ª impressores, Lisboa, 1888. Um vol. de 200 pag.as in 8.º Este livro faz parte do curso complementar de geographia, chronologia e historia de Portugal para uso dos lyceus. O auctor segue n'este seu livro os preceitos mais modernos da pedagogia; exposição clara, conducente a facilitar o estudo, caminhando do conhecido para o desconhecido, são qualidades que recommendam este compendio.

Archivo dos Açores, *publicação periodica destinada á vulgarisação dos elementos indispensaveis para todos os ramos da Historia Açoriana.* Ponta Delgada. Numero LIV, nono volume. Este numero insere: Extrato da Historia das ilhas dos Açores, impressa em Londres, em 1813, e refutação das falsidades ali publicadas: ou, a impostura do capitão T. A. desmascarada, offerecida aos açorianos por F. Borges; Dominio hespanhol nos Açores e D. Antonio Prior do Crato, etc.

As Farpas *o paiz e a sociedade portugueza,* de Ramalho Ortigão. David Corazzi, editor, Lisboa. Fasciculo 40, ultimo do quinto volume e principio do sexto.

AFRICA PORTUGUEZA—Rua de Palmeiras na Fazenda Prototypo em Casengo

(Segundo uma photographia de Moraes)

Typ. Castro Irmão — Rua do Marechal Saldanha 31 — Lisboa